

O desemprego é o que mais assusta

Os efeitos que o real acarretou na vida das pessoas também foram respondidos na pesquisa. 40% acham que o plano trouxe melhorias pessoais e apenas 7% classificaram-no como ruim.

Apesar da aprovação ao governo FHC, os entrevistados também apontaram algumas críticas. De acordo com 43%, o desemprego foi um dos problemas que mais pioraram nos últimos dois anos. Em segundo lugar, para 14% dos entrevistados, vem a saúde. Pobreza e miséria aparecem em terceiro lugar, com 7%.

E não é de se estranhar a preocu-

pação do brasiliense com o desemprego. Com uma população economicamente ativa de 820 mil habitantes — dados da última Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED) realizada em agosto pela Secretaria de Trabalho e Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan) —, a taxa de desemprego é de 17,5%, o que corresponde a 143 mil desempregados em todo o Distrito Federal.

“É uma das taxas mais altas do País, mas não tem relação direta com o Plano Real, porque vem antes dele”, avalia Mário Magalhães, gerente de estudos e pesquisas do De-

partamento de Informação e Planejamento da Secretaria de Trabalho.

“É a perspectiva de emprego para o início de 97 não é muito promissora”. Mário explica: “É a tendência de uma conjuntura nacional desfavorável. O país passa por modificações internas de adaptação a uma nova realidade — a da moeda estável.”

Ela não respondeu à pesquisa Souza, mas entende como ninguém a preocupação dos 43% entrevistados que apontaram o desemprego como uma das coisas que mais pioraram no governo FHC. A auxiliar de publicidade Selma Pinheiro, 28 anos,

perdeu o emprego na semana passada. Na sexta-feira, estava na fila do Serviço Nacional de Emprego (Sine) para dar entrada no seguro-desemprego.

Ansiosa, a moradora da Guararoba tremeu diante da possibilidade de ficar muito tempo sem emprego. “Minha área é publicidade, mas se aparecer outra coisa vou pegar. O que não posso é ficar desempregada com aluguel para pagar”, diz. Apesar de desempregada, a auxiliar, que ganhava R\$ 300 por mês, elogia o Plano Real: “Pelo menos acabou um pouco com a inflação. A gente agora pode comprar as coisas”.